

SELETA

O ENCILHAMENTO (Noronha Santos)

Iniciada em 1889 a jogatina da Bolsa, e reaparecida com intensidade em junho de 1890, ampliou por esta época seu âmbito de ação, à medida que se intensificava a alta de títulos.

Em seu mecanismo de lucros e perdas, golpeado afinal pela revolução de 23 de novembro, criara o **Encilhamento** um mundo de sonhos das mil e uma noites. Organizaram-se empresas de toda qualidade, e bancos e companhias, cujos capitais, subscritos prontamente, geraram um ambiente de grandezas e o delírio do luxo.

No decurso de onze meses, de novembro de 89 a outubro de 1890, só as sociedades anônimas, fundadas nesta Capital, dispuseram de recursos monetários e de títulos, que atingiram à descomunal importância de 10.169.380:000\$000.

A massa de papel moeda gerou, diz Calógeras em sua erudita monografia sobre a política monetária do Brasil, a facilidade de negócios de toda a espécie, dando origem, por sua vez — adianta outro autor (Antônio de Barros Ramalho Ortigão) — às aventuras da especulação e aos abusos do crédito.

Desenvolveu-se a agiotagem em operações mercantis. O jogo dominou todos os espíritos, tendo por objeto tanto os títulos da Bolsa, como a taxa cambial.

Nessa fase de grandes empreendimentos de projetos fabulosos, só se expressavam — acrescenta ilustre economista — em milhares de contos as fortunas fáceis, surgindo à incorporação de inúmeras empresas.

O delírio, segundo Calógeras, tinha chegado ao ponto de já não se achar nome para dar às novas empresas.

Para tudo havia sempre tomadores. Pagava-se prêmios por títulos novos ainda não negociados.

Agravara essa situação o regime das emissões, utilizando-se alguns estabelecimentos bancários das próprias notas do Tesouro, que remaravam com dizeres relativos ao instituto emissor. O governo de Floriano pôs termo à desenfreada jogatina da Bolsa, resultante dessas várias especulações e especialmente da derrama de debentures lançadas à praça pela **Companhia Geral das Estradas de Ferro**.

Esse ato que condizia com a moralidade do governo da República e impedia a desmoralização do meio circulante, pelo aumento que ia tendo a circulação inconvertível, como também pela dispersão dos fundos, em menosprezo da enorme soma de papel emitido, criou uma atmosfera de queixas.

Em breve tempo essas queixas se transformaram em vindictas dos que haviam enriquecido da noite para o dia e dos que ainda pensavam enriquecer. Dentro em pouco, elas explodiram com maior violência contra o governo honesto de Floriano. Rugiram cóleras e assanharam-se despeitos. Fizeram-se, para isso, alianças de toda a sorte. Néo-republicanos, ambiciosos, ou supostos partidários do novo regime, começaram a conspirar dentro e fora do país, aliando-se às correntes hostis à República, obedientes ao **sebastianismo** ou trabalhadas pelo saudosismo monárquico.

É dessa época a primeira manifestação cabal do retrogradismo monárquico, a sonhar com a possível restauração do sistema político desaparecido a 15 de novembro de 89. Foram constantes e esforçados pregadores dessas idéias alguns brasileiros de famílias opulentas e aristocráticas que, no exterior, sobretudo em Paris e Lisboa, em Montevideo e Buenos Aires, fizeram campanha de descrédito das novas instituições, organizando **comités** e preparando elementos para invasão do território nacional.

O **Encilhamento** foi interessantíssima página de história dos costumes nacionais.

Para os cofres dos potentados do dia, o jogo da Bolsa canalizava facilmente dinheiro, dando-lhes abastança que se lhes afigurava inesgotável.

Homens e fatos de **Encilhamento** revivem no romance de Taunay, nas crônicas de Machado de Assis e Ferreira de Araújo e nos jornais e documentos daquele agitado período da vida nacional, em que as cascatas de idéias, de invenções, rolavam sonoras e vistosas para se fazerem contos de réis.

Assinalara além disso o **Encilhamento**, com a queda das negociatas da Bolsa, a formação de uma das cédulas da reação política ao governo de Floriano.

Da derrocada dos **bolsistas** explodiu espumante de ódios, tenaz e ininterrupta, a **conspirata** de muitos revolucionários de 92 e 93.

Em pouco tempo esses despeitos e ódios seriam financiados por brasileiros do **Café de la Paix**, em Paris, e por parte da colônia portuguesa no Brasil — embezzrada num ferrenho conservantismo que a fizera escravocrata e monárquica, e a transformou, naquela época, num dos centros mais antipáticos e hostilizados da reação anti-republicana.

(**A Revolução de 1891 e suas consequências**, pp. 121/123. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939; volume II da coleção **Floriano: Memórias e Documentos**).